

**Não desejo publicar este texto nos anais do evento.**

## LIVROS EM CHAMAS NA AMÉRICA PORTUGUESA: O CASO ANTONIL

RAIMUNDO AGNELO SOARES PESSOA<sup>1</sup>

### Antonil e sua obra

Acerca de João Antônio Andreoni, SJ (1649-1716), assim como a maioria dos outros letrados de sua época na América Portuguesa, sabe-se relativamente pouco. Sabemos apenas que era natural de Luca, região da Toscana, Itália, que nasceu em 6 de fevereiro de 1649 e que entrou para a Companhia de Jesus em Roma, em 20 de maio de 1667, aos 18 anos de idade. Com referência a sua vida passada na península, também não se sabe quase nada; de seus pais, por exemplo, apenas os nomes chegaram até nós: João Maria Andreoni e Clara Maria.

Quanto à formação e à vinda para o Brasil é conhecido o seguinte: que estudou Direito Civil na Universidade de Perúsia, durante três anos, antes de entrar para a Companhia de Jesus e que, ainda em Roma, “foi professor de Humanidades e repetidor de Retórica e Filosofia.” (CANABRAVA, 1977:09). E que foi durante a sua estadia em Roma, entre 1669 e 1675, que conheceu um dos grandes jesuítas de sua época, o padre Antônio Vieira. Não demorou para se sentir atraído pela personalidade de Vieira e, em 29 de janeiro de 1681, embarcou para o Brasil em companhia deste, que voltava de sua segunda estadia na Europa como embaixador da Coroa Portuguesa. (LEITE, 1938-50, Tomo VII:45; CANABRAVA, 1977:09).

---

<sup>1</sup> Professor do Curso de História da UFG/Jataí.

2

Dois anos mais tarde, a 15 de agosto de 1683, em Salvador, o futuro escritor de *Cultura e Opulência do Brasil*, fazia sua profissão solene, recebendo-a do padre Alexandre de Gusmão. Na Companhia de Jesus na Bahia, ocupou quase todos os cargos: Professor de Retórica, diretor da Congregação dos estudantes, secretário do Visitador Geral – na época o padre Antônio Vieira –, Visitador local de Pernambuco, Pregador, Mestre dos noviços, Reitor do Colégio dos Jesuítas na Bahia por duas vezes e, por fim, Provincial – cargo que se encontrava no topo da hierarquia da Companhia de Jesus na América Portuguesa e que ocupou entre 1706 e 1709. (LEITE, 1938-50, Tomo VII:45). Por aqui viveu o resto de sua vida, e faleceu, “de dor de cálculos”, a 13 de março de 1716, no Real Colégio dos Jesuítas, em Salvador.” (CANABRAVA, 1977:09).

Acerca dos dados biográficos de Antonil, tudo o que se sabe até hoje se deve, em grande parte, aos esforços de Capistrano de Abreu, que descobriu o anagrama quase perfeito (André João Antonil) do verdadeiro nome do “Anônimo toscano”<sup>2</sup> – João Antônio Andreoni –, e de Affonso de E. Taunay, a quem coube o privilégio de fazer o primeiro grande estudo sistematizado sobre Antonil e sua obra – estudo “hoje ultrapassado” (RODRIGUES, 1979:404), segundo José Honório Rodrigues – e do padre Serafim Leite, jesuíta português, autor da *Companhia de Jesus no Brasil* (10 volumes), que, depois de mais de uma década de pesquisas em arquivos brasileiros, portugueses e italianos, levantou a maior quantidade de dados conhecidos sobre o toscano. A tal grupo de estudiosos, grupo que contribuiu consideravelmente para tudo o que se sabe hoje sobre Antonil, deve-se acrescentar também o nome da pesquisadora francesa Andrée Mansuy. Essa historiadora foi a responsável pela descoberta, nos arquivos do Conselho Ultramarino Português, em Lisboa, dos documentos que comprovam o confisco da obra de Antonil.

---

<sup>2</sup> Foi assim que Antonil assinou o próêmio do texto ora em estudo.

3

Resta acrescentar ainda, antes de passarmos às considerações sobre o histórico e o conteúdo temático de *Cultura e Opulência do Brasil*, que, de acordo como os dados levantados por Serafim Leite, a bibliografia de Antonil consta de 71 itens, número nada desprezível, ainda que a maioria (49 itens) sejam cartas e ânuas<sup>3</sup> – leia-se, *obrigações do ofício*. O restante é formado por traduções e por uns poucos escritos devocionais e informativos, escritos, aliás, pouquíssimos conhecidos. Essas considerações a respeito da bibliografia de Antonil obrigam-nos a ponderar algumas reflexões sobre o que teria tornado o jesuíta tão famoso. Apesar de sua carreira bem sucedida nas instâncias hierárquicas e burocráticas da Companhia de Jesus no Brasil, todos seus estudiosos são unânimes em reconhecer que foi um de seus textos – *Cultura e Opulência do Brasil* – que o tornou, ou melhor, que tornaria o toscano muito famoso. O que tem de especial esse texto? É isso o que procuraremos mostrar a seguir.

A história de *Cultura e Opulência do Brasil* é desastrosa. Publicada em Lisboa, com todas as licenças necessárias, em 1711, foi essa obra confiscada pela Coroa Portuguesa logo que veio a lume. É o que atesta os documentos encontrados por Andrée Mansuy no Arquivo do Conselho Ultramarino Português, na década de 1960:

Nesta Corte sahio proxivamente hum livro impreço nella com o nome suposto e com o titullo de Cultura e Opulencia do Brazil, no qual, entre outras couzas que se referem pertencentes às fabricas e provimentos dos engenhos, cultura dos canaviaes e beneficio dos tabacos, se expoem tambem muito destintamente todos os caminhos que há para as minas do ouro descobertas, e se apontão outras que ou estão para descobrir ou por beneficiar. E como estas particularidades e outras muitas de igual importancia que se manifestão no mesmo livro, convem muyto que se não fação publicas nem possão chegar à noticia das nações estranhas pellos graves prejuizos que disso podem rezultar à concervação daquelle estado, da qual depende em grande parte a deste Reyno e a de toda a Monarchia, como bem se deixa conciderar. (MANSUY, 1968:44-5).

---

<sup>3</sup> *Cartas Ânua*s = Relatório das atividades da Companhia de Jesus enviadas anualmente a Roma.

4

A ordem para que o livro “corresse”, isto é, para que fosse posto à venda data de 06 de março de 1711. O fragmento anterior, ou melhor, a consulta ao monarca português feita pelo Conselho Ultramarino explicando a conveniência de se retirar de circulação o livro de Antonil, data de 17 de março de 1711, portanto, onze dias depois da ordem para que o livro *corresse*. (MUSEU DO AÇÚCAR, Ed. Fac-similar, 1969:III-IV). No entanto, no dia 20 de março de 1711, vinha a público a seguinte Ordem:

Sua Majestade, que Deus guarde, foi servido resolver se recolhesse hum livro que há pouco se imprimiu intitulado *Opulência e Cultura do Brasil* (sic), e ordenou ao C[orreged]or da Corte fosse buscar os que tivesse o impressor, e he servido que V. Ex<sup>a</sup>. mande aos ministros do Dez[embarg]o do Paço lhe remettão os que se lhe deram de propinas. Deus guarde a V. Exa. muitos anos. Paço, 20 de março 1711.

D[iog]o de M[endonç]a Cortereal. (MANSUY, 1968:37).

Era a última vez que se ouvia falar do livro, que permaneceu no anonimato por quase um século. Foi dessa forma que o livro, destinado a quem “entrar na administração de algum engenho, tenha estas notícias práticas, dirigidas a obrar com acerto, que é o que em toda a ocupação se deve desejar e intentar” (ANTONIL, 1982:69), não exerceu “nenhuma influência sobre os senhores de engenhos, os grandes proprietários de terra, os mineiros, os criadores de gado, enfim sobre toda a minoria dominante e dirigente do Brasil.” (RODRIGUES, 1979:393).

A próxima vez em que se voltaria a falar de *Cultura e Opulência do Brasil* corria já o ano de 1800. Foi nesse ano que Frei José Mariano da Conceição Veloso, o “botânico emérito” (MANSUY, 1967:11), nos dizeres de Andrée Mansuy, e autor de o *Fazendeiro do Brasil*, publicou a parte referente ao açúcar (os 36 primeiros capítulos da obra) com o título de *Estrato sobre os engenhos de assucar do Brasil e sobre o methodo já então praticado na factura deste sal essencial, tirado da obra Riqueza* (sic) *Opulência do Brasil, para se*

5

*combinar com os novos methodos que agora se propoem debaixo dos auspícios de Sua Alteza Real o príncipe Regente nosso senhor. Lisboa: Na Typographia Chalcographica e Litteraria do Arco do Cego, Anno de M. DCCC.*

A edição completa de *Cultura e Opulência do Brasil* só sairia em 1837, no Rio de Janeiro. O resto da aventura do velho opúsculo setecentista já adiantamos na introdução deste trabalho. É assim chegado o momento de ponderarmos algumas palavras a respeito do conteúdo de *Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas e minas*. Como está indicado no seu subtítulo, esse texto trata das *várias notícias curiosas do modo de se fazer o açúcar, plantar e beneficiar o tabaco, tirar ouro das minas e descobrir as da prata e dos grandes emolumentos que esta conquista da América Meridional dá ao reino de Portugal com estes e outros gêneros e contratos reais*. Em resumo, a obra descreve os diversos aspectos da exploração das principais riquezas da América Portuguesa naquele momento, início do século XVIII.

O opúsculo inaciano começa a descrição das riquezas da América Portuguesa pelo engenho açucareiro. Antonil, nessa primeira parte do seu texto, aborda os seguintes pontos: as qualidades que deve ter o empreendedor (senhor de engenho) na indústria do açúcar, na compra de terras para se montar um engenho de açúcar, no relacionamento do senhor com os lavradores de canas, na escolha dos profissionais livres do engenho e na relação do senhor com os escravos, com sua própria família, com os hóspedes (costume colonial) e com os comerciantes (vendedores, compradores e financiadores). O livro traz ainda notas sobre os cuidados que se deve ter com a cana (tipos de planta, inimigos a que estão sujeitas, terras que as tornam mais férteis, etc.), sobre os aparatos para montagem de um engenho, sobre os aspectos técnicos da moagem e purificação do açúcar e, por fim, sobre o preparo final do

6

produto para exportação. O jesuíta consome nesse verdadeiro tratado dedicado à cultura do açúcar 105 páginas das 188 do conteúdo do texto, portanto, algo em torno de 55% da obra.

Na segunda parte, o autor trata da cultura do tabaco. Aí narra desde a entrada das primeiras mudas no Brasil aos problemas do contrabando da mercadoria na América Portuguesa, passando pelo modo de cultivá-lo, pela maneira de processar suas folhas, pelo seu preço, pelo seu desembarque na Bahia e pela grande estima que desfrutava na Europa e no mundo. Antonil dá-se, ainda, ao cuidado de dissertar sobre a necessidade de usar o tabaco com moderação para o bem da saúde. Nessa parte destinada à lavoura do tabaco, o jesuíta consumiu 20 páginas, 10% do total do livro.

Na terceira parte, Antonil discute as lavras de ouro e prata. Inicialmente fala do descobrimento das minas, do ouro das *gerais* e de outras partes do Brasil; em seguida, trata do rendimento dos mineiros, das qualidades do ouro, do alto preço dos mantimentos na região das minas e das obrigações de se pagar *o quinto* a El-Rei. Antonil descreve, ainda, os *famosos roteiros das minas* e os modos de exploração das minas de prata. Finaliza essa parte da obra discorrendo a respeito dos danos que, segundo o jesuíta, tem causado a febre do ouro ao Estado Brasil. Dentre as partes do seu escrito, essa é a segunda maior: são 52 páginas destinadas às *minas*, algo como 27% do conteúdo da obra.

O último tema tratado por Antonil é a criação do *gado vacum*. Aqui interessa ao letrado discutir a extensão das terras e pastos que há no Brasil (especialmente no nordeste), a produtividade e venda do gado, o modo de conduzi-lo até os centros de consumos e o preço dos derivados (couro) no Brasil e em Portugal. O livro termina com um balanço de tudo que sai do Brasil para Portugal, bem como de seu valor e do “quanto é justo que se favoreça o

7

Brasil, por ser de tanta utilidade ao reino de Portugal.” (ANTONIL, 1982:205).<sup>4</sup> O quinhão da obra destinado ao *gado* é o menor de todos, 11 páginas, 5% do livro.

Faltaria aqui, antes de passarmos ao segundo item desta seção, acrescentar que, mesmo tendo acesso à edição *princeps* de *Cultura e Opulência do Brasil* (1711), utilizaremos, nas citações deste trabalho, a edição de 1982, das editoras Itatiaia/Edusp. Dentre outros motivos de tal preferência, está o de que se trata de uma edição confiável e sobretudo, editada dentro do padrão ortográfico atual da língua portuguesa.

(ANEXO 1)

## **Consulta do Conselho Ultramarino a D João V explicando as conveniências de se retirar de circulação o livro de Antonil – 17 de março de 1711.<sup>5</sup>**

Sobre Sua Magestade mandar recolher hum livro que se empremio com nome supposto com titullo de Cultura e oppulencia do Brazil.

Nesta Corte sahio proxicamente hum livro impreço nella com o nome suposto e com o titullo de Cultura e Opulencia do Brazil, no qual, entre outras couzas que se referem pertencentes às fabricas e provimentos dos engenhos, cultura dos canaviaes e beneficio dos tabacos, se expõem tambem muito destintamente todos os caminhos que há para as minas do ouro descobertas, e se apontão outras que ou estão para descobrir ou por beneficiar. E como estas particularidades e outras muitas de igual importancia que se manifestão no mesmo livro, convem muyto que se não fação publicas nem possão chegar à noticia das nações estranhas pellos graves prejuizos que disso podem

<sup>4</sup> Título do último capítulo do texto de André João Antonil.

<sup>5</sup> Os títulos dos anexos foram confeccionados pelo autor desta dissertação. A ortografia dos documentos respeitou fielmente a transcrição de Andrée Mansuy.

rezultar à concervação daquelle estado, da qual depende em grande parte a deste Reyno e a de toda a Monarchia, como bem se deixa conciderar,

Pareceo ao Conselho Ultramarino representar a V. Mag<sup>de</sup> que será muito conveniente a seu real serviço ordenar que este livro se recolha logo e se não deixe correr, e que ainda que para isso se dessem as licenças necessarias como forão dadas sem a ponderação que pede hum negocio tão importante que respeita à concervação e utillidade do estado publico a bem da Real Coroa de V. Mag<sup>de</sup>, he muito justo que se revoguem, e porque he mais seguro e mais prudente previnir o dano futuro antes de chegar a produzir os seus effeitos do que remediar o que ja se exprimenta, Parece que será muito util ao Real Serviço de V. Mag<sup>de</sup> ordenarse que daqui em diante se não possa imprimir livro algum em que se tratem materias pertencentes às Conquistas sem que tenham, com as mais licenças, tambem a deste Tribunal, porque nelle como melhor' instruido nos particulares delles e que tem por obrigação zellar e advertir o que lhe poderá estar melhor para a sua concervação e augmento se pode ter mayor conhecimento do que convem e se divulgue do que importa que não chegue à noticia das nações estrangeiras, e do que he indifferente, e esta mesma providencia sobre a impreção de semelhantes livros derão os Reys Catholicos, pello que toca às Indias daquela Coroa, mandando pôr huma ley incorporada na nova recupillação das Leys de Indias e estabelecida por Phellipe segundo, que os taes livros se não possam imprimir sem licença do Conselho de índias supena de duzentos mil maravidis, perdimento dos livros e imperção, e a Riqueza do Brasil com as novas minas do ouro fez precisa toda a cautella e recato pois que só com a industria e arte poderemos suprir e començar a superioridade que nos fazem muitas das nações da Europa nas forças maritimas e terrestres cuja ambição se dispersa com a fama da abundancia do ouro naquellas minas. Lixboa, 17 de Março de 1711. Sylva. Telles. Costa. (MANSUY. 1968:44-5).

(ANEXO 2)

**Ordem de D. João V (monarca português) para o seqüestro e destruição do livro de Antonil – 20 de março de 1711.**



Sua Magestade, que Deus guarde, foi servido resolver se recolhesse hum livro que ha pouco se enprimio entitulado Opulencia e Cultura do Brasil<sup>6</sup>, e ordenou ao C[orreged]or da Corte fosse buscar os que tivesse o impressor, e he servido que V. Ex<sup>a</sup> mande aos ministros do Dez[embarg]o do Paço lhe remettão os que se lhe derão de propinas. Deus guarde a V. Ex<sup>a</sup> muitos annos. Paço, 20 de Março 1711. D[iog]o de M[endonça] Cortereal.

(*En bas el en merge*) : Para o Duque. (MANSUY. 1968:37).

## Referências

- ANTONIL, A. J. **Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas e minas**. Recife: Gráfica Brasileira S/A. 1969. (Edição Fac-similar, sob os auspícios do MUSEU DO AÇÚCAR).
- ANTONIL, André João. **Cultura e Opulência no Brasil por suas drogas minas**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1982. (Coleção Reconquista do Brasil, v. 70).
- CANABRAVA, Alice P. Antonil e sua obra. In: ANDREONI, João Antônio (André João Antonil). **Cultura e Opulência do Brasil**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1667.
- LEITE, Serafim. **História da Cia. de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938-1950. 10 v.
- MANSUY, Andrée. Comentários introdutórios. In: ANTONIL, André João. **Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas e minas**. Texto da edição de 1711. Paris: Institut des Hautes Etudes de l'Amérique Latine, 1968.
- RODRIGUES, José Honório. **História da história da Brasil** - 1ª parte - Historiografia colonial. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1979. (Brasiliana – Grande Formato, 21).

---

<sup>6</sup> É dessa forma mesmo que está na transcrição de Andrée Mansuy.